



ESTADO DO CONHECIMENTO NA PESQUISA HISTORIOGRÁFICA: UM CAMINHO POSSÍVEL PARA O ENCONTRO COM AS PESQUISAS SOBRE O ATENDIMENTO À INFÂNCIA

Diana Mauer

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Brasil
dianapmauer@gmail.com

Leandro Forell

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Brasil
leandro-forell@uergs.edu.br

Fabiana Gazzotti Mayboroda

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
f.mayboroda@gmail.com

RESUMO

Este trabalho apresenta como foi realizado o “estado do conhecimento” de uma pesquisa sobre o atendimento à infância. Para tanto, abordamos os processos de busca, seleção e análise dos artigos que corroboraram com a temática. Destaca-se que as buscas foram realizadas diretamente nos repositórios de periódicos selecionados devido às incógnitas geradas diante da temática genérica e ampla que abrange mais de uma área de conhecimento. Dessa forma, após serem estabelecidos critérios de seleção foram elencados 20 trabalhos que foram lidos, resumidos e analisados. Estes auxiliaram a construir um panorama sobre o atendimento à infância no contexto brasileiro ao longo de décadas e trouxeram à tona questões referentes às metodologias escolhidas.

Palavras-chave: Estado do Conhecimento. Metodologia. Atendimento à infância.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma experiência com a produção de um “estado do conhecimento” com o objetivo de ampliar a visão sobre o que foi ou vem sendo produzido, para a escrita de um projeto de Mestrado em Educação. O projeto, por sua vez, foi o início de uma pesquisa que se dedicou a compreender como iniciou o atendimento educacional institucionalizado aos bebês no município de Osório – Rio Grande do Sul, sendo assim uma pesquisa que entrelaça o campo da História da Educação e o campo da Educação Infantil. Segundo Kuhlmann Jr. (2015, p. 16), quando pensamos em História da Educação Infantil, precisamos pensar também nas relações que ela estabelece com outros âmbitos, como “a história da infância, da família, da população, da urbanização, do trabalho, e das relações de produção, etc., e, é claro, com a história das demais instituições educacionais”. Portanto, para entender o cenário das pesquisas atuais nestas áreas, fez-se necessária a produção de uma revisão de literatura do tipo “estado do



conhecimento” sobre o tema ‘atendimento à infância’, com o objetivo de identificar as principais tendências da produção do conhecimento sobre a temática do projeto.

Em uma pesquisa historiográfica o pesquisador precisa ter uma bagagem de leituras e de conhecimentos para situar o seu tema e o seu objeto, historicizando-o, Pesavento (2014, p. 66) destaca que “se há um capital próprio à formação do historiador é justamente este: ter um volume de conhecimentos disponíveis para serem aplicados e usados, dando margem a uma maior possibilidade de conexões e inter-relações”. Esta necessidade de uma bagagem de leituras reforça a produção de um “estado do conhecimento”, que vai permitir ao pesquisador estudar diferentes olhares sobre a temática a partir de diferentes lugares, objetos e metodologias.

Dessa forma, após algumas ressalvas, incógnitas, hipóteses e encontros o “estado do conhecimento” foi produzido e tornou-se um dos capítulos mais importantes da pesquisa, pois auxiliou a construir um panorama sobre o atendimento à infância no contexto brasileiro por décadas. Diante da importância da metodologia escolhida para a elaboração deste panorama, este artigo procura apresentar como foram realizados os processos de busca, de seleção e de análise de artigos relacionados à temática, e como as escolhas influenciaram nos resultados e análises finais.

SOBRE O CAMINHO

[...] Caminhante, são tuas pegadas
o caminho e nada mais;
caminhante, não há caminho,
se faz caminho ao andar

Ao andar se faz caminho
e ao voltar a vista atrás
se vê a senda que nunca
se há de voltar a pisar

Caminhante não há caminho
senão há marcas no mar...

Faz algum tempo neste lugar
onde hoje os bosques se vestem de espinhos
se ouviu a voz de um poeta gritar
“Caminhante não há caminho,
se faz caminho ao andar”...
(MACHADO¹, 1912, s.p.)

¹ Poeta espanhol, Antonio Machado, escreveu o em seu livro Campos de Castilla, uma parte intitulada *Provérbios y Cantares*.



O caminhante, frente a uma vontade de iniciar sua jornada, sente a necessidade de traçar uma rota, um trajeto que lhe permite dirimir algumas angústias e dúvidas, possibilitando uma caminhada menos turbulenta e com poucos percalços. Nesse sentido, o processo de realizar um “estado do conhecimento” é um caminho que se faz, desfaz e refaz, caminhando [pesquisando].

“Estado do conhecimento” é um recurso utilizado em pesquisas para que o pesquisador conheça a realidade da área que irá pesquisar, assim, é utilizado no começo da pesquisa, principalmente no projeto. Dessa forma, funciona como uma primeira aproximação entre o pesquisador e a temática, por meio de um levantamento bibliográfico. Para Ferreira (2002, p. 258) o “estado do conhecimento” procura mapear e discutir as publicações acadêmicas, “tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas”. Ou seja, é uma ferramenta com o objetivo de inventariar e sistematizar a produção acadêmica de determinada área do conhecimento e assim, auxiliar na compreensão do que vem sendo pesquisado ou não nos últimos anos nas áreas, contribuindo com diferentes olhares sobre a temática.

Dessa forma, permite ao pesquisador tanto observar o que é comumente utilizado e pode auxiliar em seu processo, quanto às metodologias e objetos que ainda não foram explorados na sua área. Segundo Romanowski e Ens (2006, p. 39), o “estado do conhecimento” funciona como um balanço que “possibilita contribuir com a organização e análise na definição de um campo, uma área, além de indicar possíveis contribuições da pesquisa para com as rupturas sociais”. Assim, esta ferramenta pode contribuir com dois âmbitos: mostrar o que já foi feito e o que ainda não foi feito. Soares (2000, p. 9) destaca que as pesquisas com esse foco são recentes no Brasil, mas são importantes pois, “podem conduzir à plena compreensão do estado atingido pelo conhecimento a respeito de determinado tema sua amplitude, tendências teóricas, vertentes metodológicas”.

É preciso, entretanto, diferenciar “estado da arte” e “estado do conhecimento”. Para Romanowski e Ens (2006) a realização de um “estado da arte” significa buscar diferentes produções acadêmicas como artigos, livros, dissertações, teses e trabalhos apresentados em eventos sobre a temática. Já, para um “estado do conhecimento”, o pesquisador realiza suas buscas em uma das categorias de produções, como os artigos em periódicos, por exemplo. Entretanto, escolher uma categoria de produções, apesar de diminuir o montante de trabalhos, não diminui a importância do recurso como revelador de práticas, metodologias, temáticas e, por vezes, paradigmas.

Segundo Ferreira (2002), as motivações do pesquisador em produzir um “estado do



conhecimento” podem ser várias, como: buscar o que ainda não foi feito; dedicar-se a pesquisas dificilmente encontradas; dar conta de compreender determinado saber; e divulgar estes saberes para a sociedade. Ou seja, o pesquisador pode escolher ou encontrar diferentes motivos para realizar um “estado do conhecimento”, porém, existem contribuições que vão além das motivações e expõe a importância deste recurso, como destacam Romanowski e Ens (2006, p. 39):

Estados da arte podem significar uma contribuição importante na constituição do campo teórico de uma área de conhecimento, pois procuram identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigadas que apontem alternativas de solução para os problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área focalizada.

Apesar das contribuições significativas podem ser encontrados desafios, entre eles está a ampla carga de trabalho no qual produzir um “estado do conhecimento” demanda. Ou a falta de trabalhos que possam corroborar com a sua pesquisa, o que pode também ser considerado um ponto positivo, visto que pode caracterizar a pesquisa como inovadora. Existem, ainda, para Ferreira (2002, p. 269) lacunas, ambiguidades, singularidades que podem ser encontradas nas leituras, denotando que não há como existir uma compreensão linear das produções acadêmicas, mas é o pesquisador quem vai ler e construir uma das possíveis histórias, pois “a História da produção acadêmica é aquela proposta pelo pesquisador que lê. Haverá tantas Histórias quanto leitores houver dispostos a lê-las”.

O CAMINHO PERCORRIDO ATÉ AS PESQUISAS

Romanowski e Ens (2006, p. 43) elaboraram um roteiro para a produção de um “estado do conhecimento” e apresentam as etapas que consideram necessárias. Começando pela definição dos descritores a serem utilizados nas plataformas de busca. Entretanto, no “estado do conhecimento” aqui apresentado, os descritores ‘atendimento à infância’ se mostraram genéricos e amplos, visto que abrange mais de uma área do conhecimento, além da educação abrange principalmente a saúde. Dessa forma, gerou-se uma incógnita sobre as temáticas dos artigos que seriam encontrados e se estes iriam realmente corroborar com a pesquisa ou tornar o processo de seleção lento e exaustivo.

A segunda etapa apresentada por Romanowski e Ens (2006) é a escolha dos bancos de pesquisa e catálogos. Na maioria das pesquisas de “estados do conhecimento” as buscas são



realizadas nos principais repositórios acadêmicos, que já apresentam uma seleção de artigos e trabalhos conforme os descritores utilizados. São reconhecidos e muito utilizados pela comunidade acadêmica o portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) ou a *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Entretanto, visto que a temática do projeto, à qual este excerto pertence, é ampla e genérica, optamos por outro caminho e fugimos do habitual: selecionamos as principais revistas específicas em Educação e História da Educação, para então buscar nas suas edições mais recentes artigos sobre a temática.

A terceira, quarta e quinta etapa se referem à busca em si, por meio de estabelecimento de critérios, levantamento de pesquisas e a própria produção de informação. Assim, em um primeiro momento a busca foi realizada em periódicos que já faziam parte do conhecimento dos autores, das mais diversas universidades e associações do país. Entre elas se destacam a Revista História da Educação, da Associação Sul-riograndense de Historiadores da Educação (ASPHE); a Revista Brasileira de História da Educação, da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE); a Revista Brasileira de Educação, da Associação Nacional de Pesquisa em Educação (ANPEd); e a Educação em Revista, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em que obtivemos um maior número de resultados. A Revista Educação e Realidade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) também foi consultada neste primeiro momento, porém o único artigo encontrado não se enquadrou suficientemente na temática.

Após esta primeira busca, decidimos consultar em revistas que não conhecíamos, portanto realizamos uma busca por revistas no Currículo Lattes de Moysés Kuhlmann Jr., considerado pela academia um dos principais autores da temática História da Educação Infantil. Localizamos revistas em que o próprio pesquisador publicou e em que seus orientandos publicaram. Por meio desta busca foi realizado um levantamento de nove periódicos em que poderíamos pesquisar. Entretanto, dois destes periódicos não apresentaram repositórios online disponíveis, um não era da temática educacional, um apresentou erros no sistema online e em outros dois não encontramos artigos da temática. Portanto, os periódicos encontrados nos currículos Lattes que se mostraram interessantes para a pesquisa se reduziram a três, sendo eles: Cadernos de Pesquisa, da Fundação Carlos Chagas; Cadernos de História da Educação, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU); e a Revista Diálogo Educacional da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

Assim, entre os meses de março e abril do ano de 2021 realizamos buscas nos periódicos citados, buscando por artigos que abordassem a temática de atendimento à infância/criança/bebê em uma perspectiva histórica. Dessa forma foram visitadas todas as edições dos últimos 21 anos (de 2000 a 2021), sem o uso de descritores, mas lendo títulos,



resumos e palavras-chave de todos os trabalhos para uma primeira seleção. Com esta busca foram elencados 51 trabalhos que se aproximavam da temática, entretanto, foi preciso estabelecer critérios de seleção para que os artigos lidos se aproximassem ao máximo e corroborassem com o projeto. Todos estes trabalhos foram catalogados para facilitar a organização.

Sete critérios de exclusão foram estabelecidos para selecionar os artigos com aspectos que não iriam corroborar com a pesquisa: não se trata de um artigo, mas sim de uma resenha ou transcrição de obra; é uma pesquisa fora do contexto nacional brasileiro; aborda a concepção ou representação da infância sem relação com as instituições de atendimento; aborda a educação pela família; aborda a educação primária; apresenta discursos sobre puericultura voltado às famílias; e não apresenta abordagem histórica na pesquisa. Assim, após aplicação dos critérios chegamos a um total de 20 publicações relevantes que contribuiriam para a pesquisa. O Quadro 1 apresenta o número de artigos encontrados em cada periódico e o respectivo número de artigos selecionados.

QUADRO 1 – Número de artigos por periódico

Periódicos	Encontrados	Selecionados
Revista História da Educação	18	7
Revista Brasileira de História da Educação	9	3
Revista Brasileira de Educação	6	2
Educação e Realidade	1	0
Educação em Revista	5	2
Cadernos de Pesquisa	3	2
Cadernos de História da Educação	8	3
Revista Diálogo Educacional	1	1
TOTAL	51	20

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Após, a busca e seleção dos artigos, realizou-se uma contraprova por meio de uma busca nos repositórios da CAPES e da SciELO para verificar se encontraríamos trabalhos diferentes dos já selecionados. Entretanto, utilizando os descritores “atendimento à infância” encontramos um número menor de trabalhos, os quais já haviam sido elencados nas revistas ou não estavam relacionados à temática, confirmando nossa hipótese de que com essa forma de levantamento de trabalhos teríamos maiores dificuldades.



É preciso destacar a catalogação que realizamos com os artigos encontrados nos periódicos, pois foi de suma importância no momento da seleção deles. Produzimos tabelas para cada periódico com informações relevantes como: título do artigo; ano de publicação; edição da revista; resumo ou palavras-chave; e autor; além de um código produzido para cada revista. Os códigos auxiliaram na organização dos arquivos para posterior seleção e leitura, por exemplo a Revista História da Educação recebeu o código RHE000, e cada artigo encontrado nesta revista recebia uma numeração RHE001, RHE002, e assim por diante. Então, o arquivo PDF do artigo era nomeado com este código, mantendo-os organizados.

Depois, no momento de seleção dos artigos, as palavras-chave e resumos foram importantes para agilizar o processo e os códigos foram úteis para facilitar a localização para a leitura. Para Ferreira (2002, p. 265) este primeiro momento de interação com a produção acadêmica acontece “através da quantificação e de identificação de dados bibliográficos, com o objetivo de mapear essa produção num período delimitado, em anos, locais, áreas de produção”, ou seja, é a própria catalogação.

Voltando às etapas do “estado do conhecimento” estabelecidas por Romanowski e Ens (2006) temos as últimas. A sexta etapa se dedica à leitura das publicações, com elaborações de sínteses, “considerando o tema, os objetivos, as problemáticas, metodologias, conclusões, e a relação entre o pesquisador e a área” (ROMANOWSKI, ENS, 2006, p. 43), enquanto a sétima é a organização das sínteses produzidas e a última etapa aborda a análise e as conclusões sobre esse processo. Estas etapas serão abordadas no próximo subtítulo.

O ENCONTRO COM AS PESQUISAS

O “estado do conhecimento” se tornou uma das principais etapas para a reflexão e escrita final da pesquisa de Mestrado do qual faz parte, pois abrange a temática “atendimento à infância” a partir de diferentes décadas e diferentes olhares. Além disso, o recurso trouxe contribuições importantes para a produção de um panorama sobre o atendimento à infância. As pesquisas encontradas não são citadas neste artigo, pois o objetivo aqui é demonstrar como foi realizado o “estado do conhecimento” e não dissertar sobre as categorias construídas e nossas análises realizadas. Entretanto, é importante destacar algumas reflexões feitas durante a leitura dos artigos.

Para Ferreira (2002, p. 265), quando o pesquisador organiza os artigos encontrados em sua busca ele tem dois momentos distintos: o primeiro está relacionado aos dados biográficos, ou seja, a própria catalogação já explanada; e o segundo momento é quando “o pesquisador se



pergunta sobre a possibilidade de inventariar essa produção, imaginando tendências, ênfases, escolhas metodológicas e teóricas, aproximando ou diferenciando trabalhos entre si, na escrita de uma história de uma determinada área do conhecimento”. Ou seja, é quando o pesquisador realiza a leitura das pesquisas e produz análises em busca de algo que as aproxime ou de algo que as diferencie entre si.

Para Romanowski e Ens (2006, p. 39), realizar um “estado do conhecimento” não deve se restringir a identificar a produção sobre determinada temática, “mas analisá-la, categorizá-la e revelar os múltiplos enfoques e perspectivas”. Portanto, após a leitura dos artigos encontrados e selecionados produziu-se uma análise sobre cada um em forma de resumo. Ferreira (2002) questiona se só a leitura dos resumos é suficiente para compreender as pesquisas, por isso, no “estado do conhecimento” aqui relatado os trabalhos foram lidos na íntegra e assim, elaborados resumos que abarcam os destaques das pesquisas.

Soares (2000, p. 9) também afirma que o pesquisador precisa ordenar o conjunto de informações e resultados obtidos no “estado do conhecimento”, criando uma “ordenação que permita a indicação das possibilidades de integração de diferentes perspectivas, aparentemente autônomas, a identificação de duplicações ou contradições e a determinação de lacunas ou vieses”. Portanto, após ler, analisar e produzir sínteses ou resumos é preciso organizá-los. Então, observando os artigos lidos e as diferentes temáticas que apareceram optamos por organizá-los em grupos temáticos. Os grupos serviram para separar os artigos que se aproximavam, e assim, os resumos produzidos com breves análises dos trabalhos foram separados e agrupados.

A organização não se deu de forma cronológica, como se esperaria de um “estado do conhecimento” na área da História, mas aconteceu conforme as aproximações das temáticas dos trabalhos. Dessa forma, as temáticas passeiam pelas décadas, sem uma ordem cronológica definida. Os grupos temáticos criados estão expostos no Quadro 2, bem como o número de trabalhos em cada um. Ressalta-se que houve grupos com apenas um trabalho, mas é justamente porque eles não se aproximavam de nenhum outro.

QUADRO 2 – Grupos temáticos

Grupos Temáticos	Número de artigos
Estado da Arte	1
Concepção de infância e sua relação com o atendimento à infância	5
Concepção de infância e de atendimento a partir da visão de personagens importantes	3



Perspectiva de impressos sobre a infância e o atendimento	3
Associação destinada à filantropia	1
Histórias de instituições de atendimento ou de municípios	7

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Os grupos temáticos auxiliaram a compreender o panorama gerado pelos trabalhos, que abarcam diferentes períodos históricos, além das diferentes temáticas. Assim, tornou-se mais fácil compreender como aconteceu o atendimento à infância no contexto brasileiro, auxiliando na contextualização histórica do projeto. Kuhlmann Jr. (2015, p. 6) destaca a importância em observar as histórias do atendimento à infância, ou mais recentemente, da Educação Infantil, pois “quando se desvaloriza a história por ela se ocupar do que já passou, o risco está na ilusão de se inventar a roda novamente”.

O grupo temático “Estado da Arte” engloba um artigo que realiza um levantamento bibliográfico sobre a mesma temática do projeto, porém resgatando trabalhos anteriores ao período selecionado. O segundo grupo “Concepção de infância e sua relação com o atendimento à infância” é composto por cinco trabalhos que realizam panoramas sobre a concepção de infância e como ela influenciou diretamente à infância, ou ainda, descrevem o cenário geral deste atendimento. O próximo grupo reúne 3 trabalhos com a temática “Concepção de infância e de atendimento a partir da visão de personagens importantes” e apresentam estes personagens, suas ideias e mudanças que realizaram no atendimento à infância.

A “Perspectiva de impressos sobre a infância e o atendimento” também foi abordada em três artigos e compõe um grupo temático. O grupo temático “Associação destinada à filantropia” é composto por um trabalho que apresenta uma associação, a filantropia era uma atitude comum para suprir as necessidades de atendimento da infância. Os demais trabalhos, totalizando sete, agrupados em “Histórias de instituições de atendimento ou de municípios”, apresentam estas histórias a partir de diferentes espaços.

Uma das decisões que permitiu encontrar trabalhos relevantes e construir este panorama o mais completo possível foi a busca pelos artigos diretamente nas revistas, sem a utilização de portais únicos e descritores genéricos. Assim, foi possível elencar um maior número de trabalhos, que não teriam sido encontrados nos repositórios, como foi observado na “contraprova” realizada, que encontrou um número consideravelmente menor de artigos. Esta amplitude permitiu a leitura e compreensão de mais pesquisas que corroboraram com o projeto.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os artigos estudados neste “estado do conhecimento” permitiram uma construção histórica do atendimento à infância no contexto brasileiro, e revelaram questões importantes que o permearam, como, por exemplo, o Higienismo. O Higienismo no Brasil ocorreu no final do século XIX e início do século XX, se caracterizando por ser um movimento de valorização e promoção da saúde da população, principalmente por meio do ensino de cuidados e hábitos de higiene (CARVALHO, 2006). A partir dessa e de outras questões foi possível perceber como interesses políticos direcionaram as modalidades de atendimento à infância, ora recolhendo crianças abandonadas para “limpar as ruas” e ora permitindo a entrada das mulheres mães no mundo do trabalho.

A Educação Infantil, hoje, apresenta traços de várias experiências anteriores relacionados ao caráter assistencial e ao caráter educacional. Porém, como destaca Kuhlmann Jr. (2015, p. 7) “a história, embora tratando do passado, do que já aconteceu, é dinâmica e exige a ampla pesquisa e a crítica das fontes, que renova interpretações e exige procedimentos próprios de investigação e análise”. Ou seja, mesmo que a temática já tenha sido pesquisada, ela pode vir a ser observada de outra maneira, com outra metodologia ou a partir de outro objeto.

Ao observar as metodologias escolhidas nas pesquisas percebe-se uma similaridade que privilegia documentos escritos, o que chama a atenção para um possível detrimento de fontes diversas, como por exemplo, a memória, estudada pela História Oral. A História Oral não serve como coadjuvante para preencher lacunas deixadas pelos outros documentos e também não é a verdade em si, como qualquer outro documento também não o é, porém, como destacam Grazziotin e Almeida (2012, p. 29) “ao trabalhar com memórias, encontramos um conjunto de traços e recordações em que foi possível perceber formas de pensar, causas, ocasiões ou fatos que, de alguma maneira, permitiram construir um sentido e uma organização para as Histórias que escolhemos contar”. Ou seja, a História Oral tem muito a contribuir com a pesquisa sobre o atendimento à infância e foi pouco ou nada utilizada nas pesquisas encontradas no “estado do conhecimento”.

Há destaque, ainda, para as poucas pesquisas que apresentam uma abordagem histórica, com caráter historiográfico, pois a maioria realiza somente uma descrição dos acontecimentos, construindo uma teoria, mas não problematizando as questões que permeiam. Assim, os documentos analisados legitimam as teorias esperadas, sem uma margem para interpretação e sem hipóteses contrárias. Já uma pesquisa amparada pela História Cultural, como o projeto ao qual pertence o “estado do conhecimento” aqui apresentado, procura questionar a verdade



legitimada. Pois, como afirma Pesavento (2014, p. 115), em uma pesquisa historiográfica “há mais dúvidas do que certezas, o que compromete o pacto da História com a verdade”, assim, busca-se uma versão possível, uma verossimilhança com um compromisso com a verdade, mas sem nomear-se a verdade em si.

Apesar de adotarem metodologias diferentes da que será utilizada na pesquisa a qual o “estado do conhecimento” pertence, os trabalhos foram importantes para a construção do contexto histórico, pois apresentam diferentes perspectivas sobre o atendimento à infância, a partir de diferentes décadas. Ferreira (2002, p. 270) afirma que esse conjunto de trabalhos que encontramos em um “estado do conhecimento” produz uma “rede de vários fios que se cruzam, que se rompem, que se unem, que se questionam dependendo do ponto que se estabelece como partida em cada texto”. Assim, apesar dos rompimentos e das ressalvas, há uniões e pontos que contribuem.

A autora destaca, ainda, que quando pesquisamos sobre uma temática, “é possível ler em cada resumo e no conjunto deles outros enunciados, outros resumos, outras vozes, e perceber a presença de certos aspectos significativos do debate sobre determinada área de conhecimento, em um determinado período” (FERREIRA, 2002, p. 270). Ou seja, em cada artigo que lemos, em cada resumo que produzimos, encontramos um pouco do que outro autor já nos disse e um pouco do que o próximo nos dirá, e nesse encontro o pesquisador se encanta produzindo um levantamento bibliográfico sobre a sua temática de pesquisa.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Rodrigo Saballa de. A emergência das Instituições de Educação Infantil. **Revista História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPEL, Pelotas, n. 20, p. 115-134, set. 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/29261/pdf>. Acesso em: 11 nov. 2021.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. **Educação & Sociedade**, Campinas, ano XXIII, nº 79, p. 257-272, ago. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/vPsyhSBW4xJT48FfrdCtqfp/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 11 nov. 2021.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi S.; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Romagem do Tempo e Recantos da Memória: Reflexões metodológicas sobre História Oral**. São Leopoldo: Oikos, 2012, 112 p.

KUHLMANN JR, Moysés. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica**. 7 ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2015, 192 p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica,



2014, 132 p.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo “Estado da arte” em Educação. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n.19, p.37-50, set./dez. 2006. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/24176/22872>. Acesso em: 11 nov. 2021.

SOARES, Magda Becker; MACIEL, Francisca. **Alfabetização**: Série Estado do Conhecimento. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2000. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/484330/Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o/f9ddff4f-1708-41fa-82e5-4f2aa7c6c581?version=1.3>. Acesso em: 11 nov. 2021.

Recebido em: 01 de março de 2023
Aceito em: 11 de dezembro de 2023